

# Convite à leitura

## O que sabe quem erra?

### Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar

(Maria Teresa Esteban)

Por Leticia Roberta G. M. da Silva

Partindo da crítica de Barriga sobre “a pedagogia do exame”, nesse livro "O que sabe quem erra? Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar" a autora propõe novas abordagens avaliativas. Sua pesquisa trata do que acontece e pode acontecer no interior da sala de aula em seu cotidiano e em diálogo com professoras. A pesquisa nos leva a refletir “como seria a escola se saísse do paradigma da homogeneidade” (ESTEBAN, 2013, p. 184) nos provocando a pensar “*Por que não fazer diferente*” (ESTEBAN, 2013, p. 74) a avaliação classificatória, hierárquica e seletiva que vem sendo feita, frequentemente, no cotidiano escolar? Todavia, para essa mudança, segundo a autora, é preciso que as práticas avaliativas e as demais práticas educativas sejam acompanhadas por uma ruptura epistemológica.

A obra discute as limitações da avaliação classificatória a partir de suas principais marcas: a busca pela homogeneidade; seu movimento linear e previsível; a dicotomia entre o erro e o acerto, entre saber e não-saber; a diferença vista como deficiência; a negação da diversidade, do outro; as práticas pedagógicas de exclusão; o foco no resultado, no individual. Movimentos esses que levam à padronização dos processos pedagógicos, das aprendizagens, das experiências, dos resultados e conseqüentemente à subalternidade dos sujeitos que constroem o cotidiano, principalmente crianças/educandos/as e professoras/es.

Porém, a autora não faz somente denúncia de uma educação excludente e domesticadora, em todos os sentidos, que constrói o lugar de fracasso de milhares de crianças/educandos/as. Principalmente de crianças/educandos/as provenientes das classes populares. A autora também faz o anúncio de possibilidades de construir/desconstruir/reconstruir coletivamente outras práticas pedagógicas, principalmente avaliativas, a favor das aprendizagens. Práticas essas pautadas em uma perspectiva democrática e libertadora; mobilizadas pelo diálogo, pela participação, pela reflexão de todos/as envolvidos/as no processo de aprendizagem/ensino.

Como proposta à mudança, à ruptura epistemológica, a autora nos apresenta a “avaliação como prática de investigação” (ESTEBAN, 1999, 2013). Não como panaceia do fracasso escolar e dos

problemas da educação, mas como possibilidade de outros movimentos, de tentativas de fazer de outros modos. Onde o/a professor/a, reconhecendo-se como professor/a pesquisador/a reflete sobre a própria prática, sobre os processos, atua no sentido de transformar a avaliação como prática de classificação em uma prática de investigação. Onde o professor/a interroga e se interroga constantemente:

"O que significa a resposta do(a) aluno(a)? Que informações pode dar ao(a) professor(a) sobre seu processo de aprendizagem-desenvolvimento? Quais conhecimentos estão presentes em sua resposta? Há diferenças entre sua produção individual e coletiva? Que desconhecimentos demonstra? Que conhecimentos estão sendo esboçados? Que tipo de ação deve ter o(a) professor(a) para auxiliar a aprendizagem? Quais pontos do processo não estão claros para o(a) professor(a)? De que novos conhecimentos necessita?" (ESTEBAN, 2013, p. 162)

Essa obra, sem dúvidas, é uma excelente sugestão de leitura para discussões e reflexões sobre o saber/fazer docente e sobre as aprendizagens dos/as educandos/as das classes populares e também sobre as aprendizagens dos/as professores/as. "O que sabe quem erra?"

Boa leitura!!!